

O “MST DA BASE” E JOSÉ RAINHA JUNIOR

José Sobreiro Filho

Pesquisador do NERA, bolsista FAPESP

kdarkelf@hotmail.com

O “MST da Base” é a denominação dada ao grupo de trabalhadores rurais sem terra que estão articulados na luta pela terra sob a liderança de José Rainha Junior desde 2003. É um movimento dissidente do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e foi criado com uma frente de massa consolidada, considerando a experiência histórica de seu criador. Atualmente mantém acampamentos em alianças com o MAST – Movimento dos Agricultores Sem-Terra; MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra; MLST – Movimento de Libertação dos Sem Terra; MTB – Movimento Terra Brasil; União dos Movimentos Sociais Pela Terra - UNITERRA, sindicatos de trabalhadores rurais de Andradina, Presidente Venceslau e Marabá Paulista e com a FAAAPOP – Federação das Associações dos Assentados e Agricultores Familiares do Oeste Paulista.

A estrutura organizacional do movimento expressa a experiência da liderança de José Rainha Junior e de sua esposa Diolinda Alves de Souza. Seria impossível compreender a estrutura, história e ação do movimento separadamente da personalidade de José Rainha Junior.

José Rainha Junior é um dos principais personagens para se compreender a luta pela terra na região do Pontal do Paranapanema desde a década de 1990. Em entrevista José Rainha Junior afirma que chegou ao Pontal do Paranapanema em 1991, vindo do Estado do Maranhão. Nascido no Estado do Espírito Santo, filho de pequenos proprietários que perderem suas terras e foram proletarizados, Rainha começou suas lutas com dezessete anos, em 1978, junto com Frei Beto. Na igreja fez seu primeiro trabalho de militância nas CEBs - Comunidades Eclesiais de Base sob o enfoque da Teologia da Libertação. Mais tarde, em 1979, participou na campanha da anistia para a volta dos presos políticos para o país. Em 1980, ingressou no movimento sindical dos trabalhadores rurais da região de Linhares, onde morava. A partir da militância na igreja e no movimento sindical contribuiu para a fundação da CUT – Central Única dos Trabalhadores, do PT – Partido dos Trabalhadores e em 1984 ajudou na criação do MST.

Em 1985, no MST, ele foi desafiado a articular o movimento no Nordeste. Saiu do Espírito Santo em 1986 para morar em todos os estados do Nordeste com o objetivo de construir o MST. Em meados de 1989, decidiu ir para o sul do Pará onde foi ameaçado de morte e, por isso, optou por vir para o Pontal do Paranapanema no Estado de São Paulo. Em 1991, José Rainha Junior ou “Zé Rainha” como é conhecido, chegou ao Pontal do Paranapanema e se destacou na posição de coordenador regional do Movimento.

Sua participação no MST provinha da natureza da sua militância e história no movimento sindical e na igreja. No MST, Rainha se destacou como liderança do setor de frente de massas, fazendo acampamentos e sendo reconhecido como o líder que mais fazia ocupações de terras.

Foi protagonista de muitas ocupações e manifestações do MST. Foi preso várias vezes¹, debateu com lideranças da UDR – União Democrática Ruralista, foi reconhecido pelos jornais e revistas como o principal militante do MST (Welch, 2009) e reconhecido nacionalmente e internacionalmente como um dos personagens mais populares da luta pela terra. No transcorrer dos anos foram muitas as ações do MST dirigidas por José Rainha. Por isso destacou-se no movimento até seu afastamento.

Sobre a sua saída, em entrevista, José Rainha afirma que em 2003 fora afastado da direção do MST sob alegação de isolamento, de não cumprir as normas da direção. Mesmo afastado do Movimento, José Rainha continuou a luta e foi preso novamente pela sua participação em ocupações. Ao sair da cadeia lideranças do MST tentaram aproximação, porém, Rainha não aceitou.

Após recusar o convite de retorno para o MST José Rainha organizou vários grupos de famílias e suas ações continuaram. No transcorrer dos anos ganharam representatividade. Cubas (2009), analisando o discurso dos jornais, retratou alguns pontos importantes nessa luta, como as ocupações de terras de seu grupo:

No ano de 2005, foram 45 ocupações registradas no DATALUTA Ocupações. O ciclo começou forte com o Abril Vermelho e a mobilização foi retomada com força a partir do mês junho. O conflito que depois culminaria em nova prisão de Rainha ocorreu no início de junho quando grupos de sem-terra coordenados por Rainha ocupavam seis fazendas em apenas uma semana, acusado de “depredação de patrimônio particular”, Rainha – que nem apareceu nas ocupações – foi preso pela polícia em 6 de Setembro (O Imparcial – 7 de Set. de 2005, p. 5B). (CUBAS, 2009. p. 67)

Na análise dos recortes de jornais, Cubas (2009) evidenciou um processo de disputa territorial marcante na luta pela terra na região, pois além da disputa pela atenção dos jornais dada ao embate MST e UDR, o MST passou a disputar espaços material e imaterial com o MST da Base:

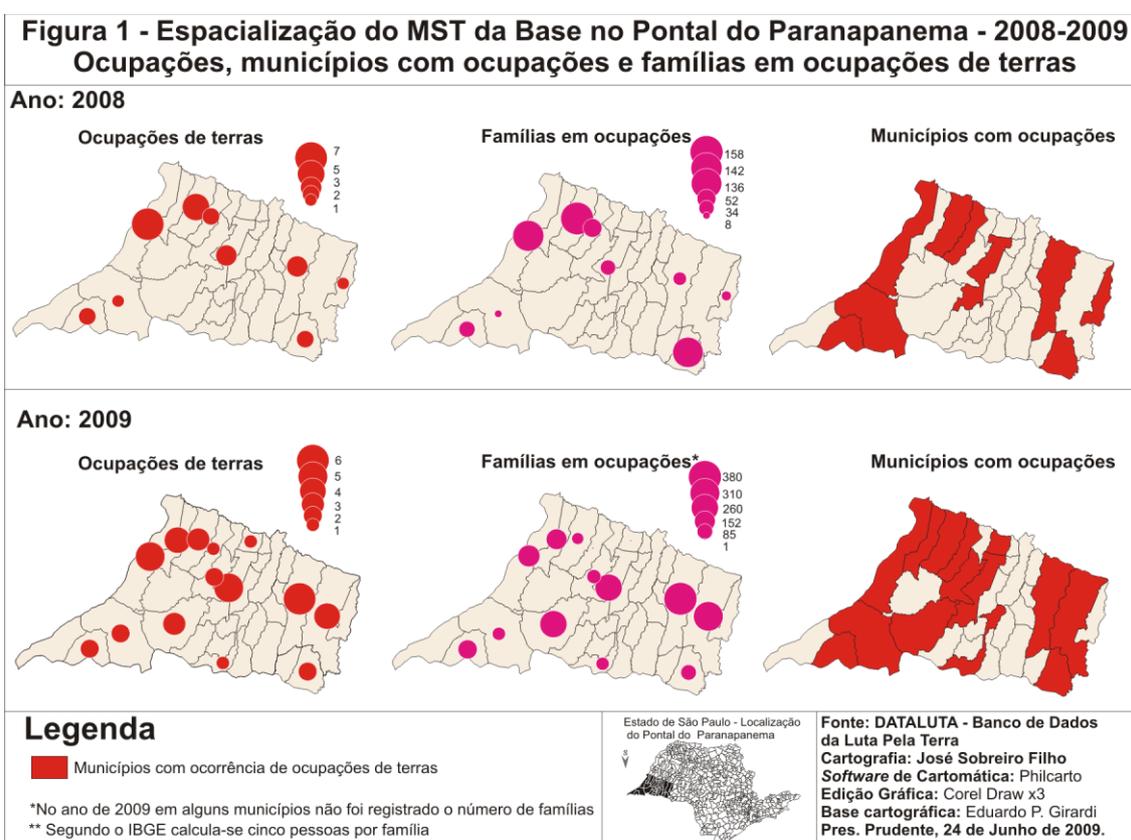
Então, os 26 artigos ajudam separar três narrativas paralelas, mas complementares: uma de Rainha e Diolinda, outra do MST Nacional articulado por Cido Maia e Stédile, finalmente, a de Nabhan da UDR e o governo, os dois que condenam as ocupações. O personagem principal, José Rainha, passa a dividir as atenções da imprensa com Cido Maia, entre outros líderes do MST que começavam a realizar a estratégia de ocupações do MST e disputar o território do Pontal do Paranapanema não apenas com os ruralistas, mas também com a forte liderança estabelecida por Rainha. A imprensa relata os conflitos agora com mais hostilidade que em 1998 e aproveita o racha para desvalorizar ainda mais a luta pela terra e as políticas públicas de Reforma Agrária. (CUBAS, 2009. p. 68)

Identificado como dissidência pelos jornais, o MST da base segue realizando ocupações e procura se identificar como apoiador do Governo do Presidente Lula.

¹ José Rainha e Diolinda Alvez de Souza foram condenados a 2 anos de prisão com direito a cumprirem em regime aberto por formação de quadrilha. Sua condenação refere-se a comandar 2.500 trabalhadores rurais sem terras a ocupar a fazenda São Domingos em Sandovalina no ano de 1995. (Cubas, 2009. p. 33)

Já o MST da Base coordenado por Rainha prometeu novas ocupações para Setembro numa reportagem do Oeste Notícias, com o título “Rainha promete novas invasões” e o chapéu “Conflito Fundiário”. “O povo só é ouvido desse jeito” (Oeste Notícias – 4 de Set. de 2005, p. 1.3), aí Rainha afirma a volta de um ciclo de ocupações. Ao ponto que o MST Nacional anunciou o rompimento com o governo Lula, Rainha ainda faz questão de defendê-lo, pois isentou Lula de culpas pela morosidade Reforma Agrária e delegou a mesma ao ministro do Desenvolvimento Agrário em 2005, Miguel Rosseto (Oeste Notícias – 4 de Set. de 2005, p. 1.3). (CUBAS, 2009. p. 78).

José Rainha Junior continua se consolidando com uma dissidência importante e espacializando a luta do MST da Base no Pontal do Paranapanema. No transcorrer dos anos cada vez mais o MST da Base vem ganhando projeção e realizando ocupações com número maior de famílias. Através dos dados do DATALUTA, que registra as atuações do MST da Base desde 2008, podemos acompanhar o processo de espacialização do movimento na figura 1.



José Rainha Junior continua realizando ocupações de terras e utilizando o nome do MST e reconhecendo o seu grupo e a si mesmo como integrante do MST. Em contraposição o MST nacional, em nota publica, alega que José Rainha não pode falar em nome do MST e que não faz parte do movimento:

José Rainha Junior, não faz parte de nenhuma instância nacional, estadual ou local do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). E, portanto, em seus pronunciamentos públicos, audiências com autoridade e nos espaços que a mídia tem lhe reservado, ele fala unicamente em nome pessoal e não em nome do MST. (MST, 2007)

Em entrevista José Rainha Junior afirma ser do movimento devido à sua própria história e ao fato de que seria impossível o MST como um movimento da massa negar a própria massa. Além de relevar que seria uma contradição o MST negar a massa, também diz que optou por ficar com o “MST da poeira”, ou seja, com os trabalhadores da frente de massa enquanto outros queriam o “MST do salão”:

Porque nós somos da base, nós somos da massa, daqueles que votam. Diria que tem o MST do Salão e o MST da Poeira. Eu fiquei com o da poeira. Minha história foi feita com os acampamentos, morando e vivendo. Agora se tem dirigente que prefere ficar no salão o problema é deles (ENTREVISTA JOSÉ RAINHA JUNIOR, 2010).

Outra parte importante nesse debate é sobre a legitimidade do MST da Base, além de estar articulando a base, também há o reconhecimento por parte do Governo Federal:

Quando eu digo o MST da Base é porque eu digo que se articula a base, se esta dentro da base, se eu sou o MST de Base eu podia dizer do MST de Cúpula, mas eu não quero dizer que é de cúpula, eu quero dizer que é que da base nós somos, nós somos da base do MST, embora porque qual é o reconhecimento ali, a legitimidade que alguém tem para dizer que nós não somos movimento dos Sem-Terra? Eu fundei o Movimento Sem-Terra, porque eu tenho uma história e história de liderança não é título que se dá a ninguém. São conquistas. Se então o MST tem dentro dele uma eleição eu tenho uma conquista. Agora a minha conquista não é fruto da mídia, da televisão, do Jornal, é fruto de luta, de 25 anos de luta no movimento e que todos reconhecem desde ao mais simples no acampamento até ao Presidente Lula, não só pela amizade, mas é o reconhecimento. Então quando o governo vem sentar com nós é porque reconhece, quando o Lula esta na sua programação para vim numa promoção aqui no Pontal é porque nós vamos botar 10 mil. Olha companheiro, que movimento, que Zé Rainha isolado é esse, que crítico é esse que bota 10 mil para o Presidente e põe mais se ele vir aqui. (ENTREVISTA JOSÉ RAINHA JUNIOR, 2010).

José Rainha Junior se ampara no discurso e na prática da luta de massa para legitimar o movimento como MST, que na sua denominação é “MST da Base” evidenciando que a massa é a base do movimento.

Sua colocação quanto à proximidade com o governo Lula reflete a procura do reconhecimento para o estabelecimento de projetos de desenvolvimento dos assentamentos como, por exemplo, programas de incentivo à produção de biodiesel. Rainha afirma que dentre os objetivos do MST da Base, o fortalecimento do governo Lula e o apoio à candidatura a Presidência Dilma Rouseff são os destaques por estarem vinculados ao projeto do Governo Lula:

Não, nosso projeto é fortalecer o governo Lula, eleger a presidente Dilma como a maior, primeira mulher na história desse país, eleger o máximo possível de deputados da base aliada do PT, do PCdoB e do PSB para continuar o projeto. Nós queremos, nos estamos dentro do projeto do partido dos trabalhadores, estamos dentro do projeto que o Lula implantou nesse país e com certeza será continuado com a Dilma. O nosso lado é esse. (ENTREVISTA JOSÉ RAINHA JUNIOR, 2010)

O MST da Base não é o MST. É diferente em vários aspectos, inclusive com relação ao governo Lula. Em artigo seguinte, analisaremos estas diferenças mais detalhadamente.

Referências

CUBAS, Tiago Egídio Avanço. **Estudo da contribuição da imprensa na representação dos camponeses e ruralistas no Pontal do Paranapanema de 1998 a 2008**. 107 f. Monografia (curso de Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente, 2009.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MST. **Nota Publica do MST**. 2007. Disponível em <www.mst.org.br>, acessado em: (falata data)

WELCH, Clifford Andrew. **Mobilização camponesa no Pontal: retratos de permanências e transformações de relações sociais no campo, 1946 – 1996**. http://www4.fct.unesp.br/nera/artigodomes/1artigodomes_2009.pdf, acessado em 10 de abril de 2009.